

JACOBINA MAURER NO DIVÃ¹

Renato Dias & Sonia Porto Machado



¹ Texto literário. Recebido em 12 de janeiro de 2018, aceito para publicação em 27 de maio de 2018. Imagem nesta página: *Jacobina*, de Renato Dias. Desenho, 24 x 21 cm, 2017. Baseado na fotografia de Jacobina, anos após o seu casamento. Acervo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo-RS. Autor para contato: Renato Dias, e-mail: sle54200@terra.com.br.

Filipe ouviu longe, entre dois mundos, um barulho: o despertador. Era uma dessas manhãs chuvosas do inverno gaúcho de 2017. Um daqueles dias em que não desejava levantar-se; queria permanecer ali, ouvindo, repetidamente, o *Amanhecer*, do compositor Edvard Grieg. E, menos ainda sair para trabalhar.

A consciência foi chegando com golpes bem marcados e antes que tudo despencasse no abismo, o médico psiquiatra, foi tomado pela necessidade repentina e palpitante de fazer algumas anotações do livro que acabara de ler na noite anterior. Procurou. Revirou as cobertas e nada. Provavelmente, durante à noite *A Religião de Jacobina* deslizou da cama, assim, como quem escolhe o seu próprio lugar para descansar.

Voltou a recostar-se no espaldar da cama. Havia nele, um desejo de entender Jacobina, dita louca, para escrever um artigo científico. Porém, sem a obsessão pelo método, que normalmente entope as boas ideias. O pensamento passava sem preâmbulos do conhecido para o desconhecido. Os murmúrios tomavam forma até tornarem-se perguntas. Que camadas profundas dessa mulher irromperam em certo momento, tornando-a uma líder revolucionária? É possível mais de setecentas pessoas seguirem uma mulher somente por suas convicções religiosas? A loucura tem a sua lógica, a sua mecânica própria? Essas perguntas estavam fundidas numa mesma casca. Agora, estava pronto para esburacá-las num assombro crescente.

Filipe gostava de estudar a vida de mulheres intensas, que revolucionaram o mundo com suas atitudes, rompendo com os convencionalismos, e que tiveram fins trágicos na maioria das vezes. Tinha dúvidas sobre Jacobina Mentz Maurer, que não correspondiam aos estereótipos fixados pelo padre Ambrosio Schups. Afinal, ela foi a líder dos Mucker, revolta messiânica que aconteceu no Rio Grande do Sul no século XIX.

Desta forma ele começou a rememorar e tecer brevíssimas anotações sobre a vida, a trágica morte e as razões confusas da revolta; não como alguém que estava correndo atrás de uma ilusão, mas, como alguém que sentia falta de pão. Para Filipe o ano de 1873 corria longe. Nesse ano, Jacobina viera do morro Ferrabraz escoltada por soldados da Guarda Nacional, primeiro para ser interrogada pelas autoridades e, posteriormente, foi internada na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

O deslocamento até São Leopoldo, sede da colônia alemã naquela época, era feito através de picadas e por meio de carroças. As trilhas eram abertas no mato por gente e animais. Assim estava descrito no livro e acrescentou Filipe: pau e pedra, buracos e barro, tocos e raízes. De São Leopoldo a Porto Alegre o trajeto era pelo rio dos Sinos.

Jacobina chegou cedo à Santa Casa para ser submetida a nova avaliação médica, um desses mecanismos engendrados pela medicina, que afirma, nega, reafirma e não se sabe exatamente onde vai parar. Tinha trinta e dois anos, vestia uma longa roupa branca. Cabelos soltos e desgrenhados. Olhar atento, com a profundidade da visão de pescadores que distinguem cardumes a grande distância. Não falava português. Era um corpo vigiado. Ao todo, oito soldados de rugas cruas.

O Dr. Daniel Hillebrand, médico em São Leopoldo, já tinha sido contundente em seu diagnóstico, isto quando Jacobina ainda era adolescente: ela sofria de ataques (algo impreciso) e sonambulismo agravado pelas leituras religiosas. Numa daquelas consultas, o doutor pegou a manga do casaco da viúva Mentz, puxou-a para um canto e cochichou no seu ouvido, enquanto sacudia a cabeça grisalha e quase calva: “Esta menina precisa de homem, trate o quanto antes de lhe arrumar um marido”. Não seria difícil atender a recomendação do médico da família, pensou a mãe de Jacobina, afinal o mundo gira, tudo anda à volta e nós também.

A moça bonita, que sonhava acordada, casou-se com João Jorge Maurer em 26 de abril de 1866, um homem sem estradas sinuosas até então. Bem-apeσοado e bem falante, servira na Guarda Nacional de São Leopoldo e estivera por algum tempo em Porto Alegre. Mais tarde tornou-se curandeiro. Ajudava a todos da comunidade Ferrabraz.

Jacobina foi arranjando um jeito de viver e um modo de ser dona de si. Era semianalfabeta e, mesmo assim, lia a Bíblia para as pessoas e, interpretava à sua maneira para desespero do pastor protestante e do padre católico. Muitas vezes, em transe, ela se vestia de branco, com flores na cabeça e saía pelas ruas da comunidade, dizendo que ouvia a voz de Jesus e mais ainda: conversava com ele. Nessas ocasiões até sua voz mudava. Em transe, também diagnosticava doenças, uma das causas que passou a ser considerada santa. Outras vezes, falava coisas sem nexο, quase sempre de conteúdo religioso. Prometia construir a “cidade de Deus” e, inclusive, escolheu seus discípulos. Tudo acontecia numa

narrativa intensa, em que as palavras estavam repletas de calos como se estivessem procurando o já procurado. Quando interrogada pelas autoridades sobre esses fenômenos, ela dizia simplesmente que não sabia explicar o que acontecia. “O que fazer quando tudo escapa à lógica?” Perguntou-se Filipe. Enfim, Jacobina era uma mulher cheia de também.



Renato Dias. *Jacobina aos seis anos*. Desenho, 27 x 19 cm, 2017.²

Por volta dos vinte e seis anos, quando teve o primeiro filho, ao todo foram seis, os momentos de transe ficaram mais agudos. Filipe acrescentou: os delírios eram como roseiras em flor. Cada pétala, um verso para aqueles que ouviam e acreditavam. “Um dia cairemos em nós mesmos, isto é o abismo”. Essa frase, o médico ouvira de um de seus pacientes. Achou apropriado colocá-la na boca de Jacobina. Frequentemente, ela ficava mais silenciosa, numa mudez árida, onde tudo permanecia descalço. Outras vezes desmaiava, ficando fora de si até trinta horas. Seu corpo permanecia ancorado. Não era seu inimigo.

Em junho de 1873, deixou a Santa Casa. Foi para São Leopoldo e após comprometer-se em dissolver o movimento dos Mucker foi liberada para voltar ao Ferrabraz.

Houve descontentamento por parte dos colonos da chamada elite alemã e as hostilidades recomeçaram. Os Mucker atacavam e eram atacados. Crescia o messianismo. Cresciam em organização e determinação, a tal ponto que derrotaram os militares do Exército Imperial e da Guarda Nacional no seu primeiro ataque e também no segundo.

No último confronto as tropas do Exército, Guarda Nacional e cento e cinquenta colonos alemães (voluntários) cercaram o último reduto de resistência. Jacobina morreu ilhada por dezesseis seguidores na manhã de 2 de agosto de 1874. Olhou ao redor. A intensidade do seu olhar afundava nas coisas, e por um momento esqueceu completamente a metafísica. Depois o silêncio. Só o corpo permanecia ali, agora, com muitas trancas nas janelas e muitas fechaduras nas portas.

Cessaram os tiros com suas urgências de fome, os soldados eram verdadeiras máscaras do demônio, todos a barafustar, invadiram a casa e arrastaram o corpo de Jacobina como um animal abatido pronto para ser devorado. Seu corpo foi violentado depois de morta, enterrada e desenterrada para passar por novos vexames e, finalmente,

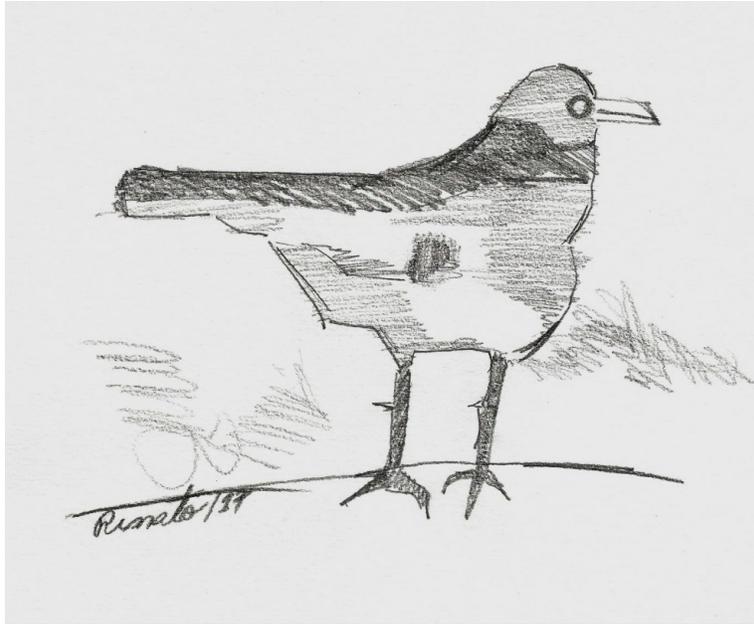
² Desenho baseado na fotografia de Jacobina aos seis anos de idade. Acervo do Museu Histórico de São Leopoldo-RS.

enterrada em vala comum, sobre a qual foi derramada cal para que nada restasse de memória. Quanto aos dezesseis, só vísceras e sangue. Ao lado de um deles, uma lagarta escura tentava sair do casulo. Cada um desses detalhes provocava murmúrios em Filipe, que soavam de trás pra frente.

Novamente o despertador. Agora parecia intenso na sua necessidade de conduzir um dia ao outro. Filipe olhou o chão em outra direção, ali estava o livro, nos pés da cama, ergueu-o como se segurasse Jacobina pelos braços. Desejava, antes de tudo, compreender as camadas mais profundas dessa mulher, produzidas pelo estado de insatisfação entre o contraste de suas ilusões e a realidade frustrante. Ela acreditava na utopia divina, na cidade de Deus, na mudança social e na genuína solidariedade entre as pessoas na nova terra. Porém, a realidade é sempre outra, a maioria das pessoas, seguem apenas seus impulsos de autossuficiência, movidas pela ambição e adeptas da farsa para atingir o poder e a riqueza.

Aprontou-se para sair, Filipe estava atrasado naquela manhã chuvosa e fria, mesmo assim, parou diante de uma banca de revistas. Entre tantas imagens e letras de todos os tamanhos a manchete do jornal: *Cineasta americano acusado de estupro*. “Esse mistério humano entre uma e outra pessoa!” murmurou o médico, lembrando a maneira como Jacobina foi ultrajada. “É preciso metade de uma vida para entender certas coisas que acontecem em minutos” disse o dono da banca e, num segundo impulso acrescentou: “A vida é um escândalo!”.

Passava das nove da manhã, o dia seguia bastante enferrujado. A Santa Casa estava logo ali. Filipe ia, ia, e as pessoas passavam, e os carros se sucediam, e aquela árvore parada-úmida era pura paisagem. Tudo com o seu jeito pequeno ou volumoso de desenhar a vida e o desejo.



Renato Dias. *Sabiá*. Desenho, 16 x 19 cm , 2017.

NOTA

A história é uma ficção inspirada no episódio conhecido como *A revolta dos Mucker* (falsos santos), ocorrida no morro Ferrabraz, em 1873-74, na atual cidade de Saporanga-RS.

Os Mucker, segundo Moacyr Domingues (1977), foi uma comunidade de colonos alemães isolada no morro Ferrabraz, falando somente alemão, sem assistência médica, educacional e religiosa, onde João Maurer era o curandeiro do lugar e Jacobina Mentz Maurer, sua esposa, era considerada santa. Em torno deles formou-se uma seita, ocupando o lugar da religião oficial: a católica. Os princípios da seita determinaram modificações nas relações econômicas e sociais com outras comunidades alemãs e brasileiras. Após vários conflitos na região, o Império mandou o Exército atacar o lugar. Os Mucker foram assassinados, Jacobina morta e considerada louca. Ela foi, inclusive, internada na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre de 24 de maio a 13 de junho de 1873.

REFERÊNCIAS

DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos Mucker: imigração alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

DREHER, Martin N. *A religião de Jacobina*. São Leopoldo: Oikos, 2017.